

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO: O APARECIMENTO E A CIRCULAÇÃO DE BOATOS

Lucimara Andrade da Silva¹
Luana Aparecida da Silva²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo compreender a origem e o desenvolvimento dos boatos. Além disso, salientamos a diferença entre o boato, a fofoca e as falsas notícias, fenômenos antigos que podem ser encontrados em todas as sociedades. Aqui, buscamos entender como eles circulavam no coletivo popular antes do surgimento da internet e como viralizam após o advento das redes sociais. Por meio de uma análise comparativa e crítica, com uso de exemplos de rumores, boatos e falsas notícias, tentamos esclarecer como o boato foi associado a uma patologia social por causa da propagação constante de boatos em contextos de catástrofes, crises políticas e guerras. Ademais, discutimos como os historiadores e cientistas sociais são contrários a essa visão do boato como uma patologia social, já que defendem que o boato faz parte das formas de comunicação e interação social. A pesquisa foi realizada com base em estudos teóricos da psicologia das multidões, da sociologia clínica dos rumores e da história sobre as falsas notícias em tempos de guerra. O resultado desta pesquisa permitiu concluir que o boato é um elemento essencial para interpretar as representações coletivas de grupos que compartilham informações e as relações sociais.

Palavras-chave: Boatos; Fofocas; *Fake news*.

LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN: LA APARICIÓN Y LA CIRCULACIÓN DE RUMORES

Resumen: Este artículo tiene la finalidad comprender el origen y desarrollo de los rumores. Además, destacamos la diferencia entre rumor, chisme y noticia falsa, fenómenos antiguos que se pueden encontrar en todas las sociedades. De hecho, buscamos comprender cómo circulaban entre el colectivo popular antes de la aparición de internet y cómo se viralizaron tras la llegada de las redes sociales. A través de un análisis comparativo y crítico utilizando ejemplos de murmullo, rumores y noticias falsas, intentamos esclarecer cómo el rumor se asoció a una patología social por la constante propagación de rumores en contextos de catástrofes, crisis políticas y guerras. Además, discutimos cómo los historiadores y científicos sociales están en contra de esta

¹ Mestra em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Contato: lucimaraandrade345@gmail.com.

² Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Contato: lu_aparecida94@hotmail.com.

visión del rumor como una patología social y argumentamos que el rumor es parte de formas de comunicación e interacción social. La investigación se realizó a partir de estudios teóricos de la psicología de masas, la sociología clínica de los rumores y la historia de las noticias falsas en tiempos de guerra. El resultado de esta investigación permitió concluir que los rumores son un elemento esencial para interpretar las representaciones colectivas de grupos que comparten información y relaciones sociales.

Palabras clave: Rumores; Chisme; Noticias falsas.

Introdução

Os boatos, as fofocas e as falsas notícias podem ser encontrados em todas as sociedades. Eles constituem fenômenos antigos, sendo o boato considerado um processo de troca de informação, no qual a notícia anônima e não verificada circula entre vários grupos sociais. "Por causa de sua veracidade incerta ou duvidosa, opera por meios informais (boca a boca) [...], e a velocidade de disseminação do rumor atesta seu alto valor de troca" (Aldrin, 2010, p. 1, tradução nossa)³. Embora muitos boatos sejam absurdos e infundados, desde coisas menos relevantes a relatos sobre supostos grandes acontecimentos, eles podem ser vistos como "uma forma de interpretar um ambiente de incertezas, de reforçar os laços e convicções entre um grupo engajado ou de perceber os sinais da abertura de oportunidades para grupos de interesse" (Oliveira, 2016, p. 2).

Para estudar a história do boato, é necessário entender a diferença entre o rumor, o boato, a fofoca e as *fake news*. O rumor é uma notícia não oficial, isto é, que não foi confirmada. Desse modo, os rumores e os ruídos são os estágios iniciais do boato. O boato, por sua vez, é a informação não verificada que pode ou não ser verdadeira, surgindo em contextos de medo e de dúvida. Já a fofoca é quase sempre maldosa, ou seja, a propagação de comentários sobre a vida alheia, que são espalhados de pessoa para pessoa, sendo esses baseados em acontecimentos reais ou em mentiras. A fofoca ajuda na manutenção dos laços sociais, sendo utilizada para ter assunto para falar com determinados grupos de pessoas, ao passo que as

³ No original: "du fait de sa véracité encore incertaine ou douteuse, s'opère par des moyens informels (le bouche à oreille) [...], du fait de sa véracité encore incertaine ou douteuse, s'opère par des moyens informels (le bouche à oreille)".

fakes news são sempre mentiras divulgadas nas redes sociais. Nesse sentido, a internet tornou possível que boatos, fofocas e *fake news* se propaguem rapidamente e alcancem uma enorme quantidade de pessoas.

Para compreender o desenvolvimento do boato, é preciso responder aos seguintes questionamentos: Quais eram os lugares e os meios de informação? Como as notícias se difundiam? Quais eram os usos dos boatos?

Diante disso, a presente análise comparativa e crítica tem por objetivo compreender as abordagens teóricas tanto de historiadores quanto da psicologia coletiva e da sociologia. Além disso, busca-se expor o problema geral discutido pelos estudiosos dos boatos “de como as sociedades tomam conhecimento dos eventos e transmitem informações sobre eles” (Darnton, 2001, p. 11), utilizando, para isso, exemplos de rumores, boatos e falsas notícias de momentos de violência, crise e guerras.

Paradigma patológico e o Paradigma interacionista

O boato deixou de ser considerado como indigno de estudo pelos historiadores somente no decorrer do século XX, visto que, durante muito tempo, os estudiosos o associaram a uma espécie de *patologia social*, principalmente por causa da propagação constante de boatos em momentos de catástrofes, guerras e crises políticas. Nessa perspectiva, Gustave Le Bon (2013), em seu estudo sobre a psicologia das multidões, explica que o indivíduo que adentra a multidão se apaga:

São transformados em uma multidão, os dotam de uma espécie de alma coletiva [...] faz com que eles se sintam, pensem e ajam de uma maneira bem diferente daquela sentiria, pensaria e agiria isoladamente (Le Bon, 2013, p.18, tradução nossa).⁴

Sendo assim, os indivíduos em multidões raramente são capazes de raciocinar. Aliás, eles são incapazes de formular opiniões próprias (Le Bon, 2013). Nessa visão, os boatos espalhados em tempos de crise podem ser considerados uma ruptura da normalidade que confirma a regressão mental do indivíduo. Dessa forma, as multidões acumulam mediocridade em vez de

⁴ No original: “par le fait seul qu'ils sont transformés en foule, ils possèdent une sorte d'âme collective qui les fait sentir, penser, et agir d'une façon tout à fait différente de celle dont sentirait, penserait et agirait chacun d'eux isolément”.

inteligência, pois, somente para fazer parte da multidão, “o homem desce vários graus na escala da civilização” (Le Bon, 2013, p. 20, tradução nossa).⁵

O boato como patologia social é analisado em laboratório quando se identificam sintomas universais: o sentimento de poder invencível devido ao anonimato e o desaparecimento do senso de responsabilidade; o contágio mental, no qual o indivíduo sacrifica o interesse pessoal pelo coletivo; e, por fim, a sugestionabilidade, na qual o indivíduo fica suscetível a cometer atos contrários ao seu caráter e aos seus costumes.

Não cabem dúvidas de que muitos estudiosos encontraram auxílio na psicologia para compreender a propagação das falsas notícias, com ênfase na psicologia do testemunho e na psicologia social. No entanto, um número expressivo de historiadores e cientistas sociais é contrário a esse paradigma psicopatológico e assume uma abordagem interacionista, entendendo o boato não como uma *patologia social* nem como expressão de uma *crise*, mas sim como parte das várias formas de comunicação e interação social (Oliveira, 2016).

O historiador Marc Bloch (1998) afirma que recorrer aos laboratórios dos psicólogos para compreender a origem e o desenvolvimento das falsas notícias não é a melhor escolha, em virtude de várias razões. Nas experiências dos psicólogos, “a falsa notícia nunca atinge a plenitude magnífica, que só o tempo passado e muitas bocas podem dar-lhe” (Bloch, 1998, p. 180). Aliás, essas experiências carecem do elemento fundamental das falsas notícias da história, que é o *caldo cultural favorável*, pois é nele que os indivíduos expressam seus preconceitos, seus ódios, seus medos e as suas emoções fortes. Sendo assim, quando se “trata de estados de consciência coletiva[,] um estudo experimental em particular é praticamente inconcebível” (Bloch, 1998, p. 181).

Os rumores e boatos fazem parte da sociabilidade cotidiana e, na visão interacionista, não são responsáveis pelos movimentos coletivos de pânico, protesto ou violência. Porém, como os meios de comunicação podem ser

⁵ No original: “par le fait seul qu’il fait partie d’une foule organisée, l’homme descend de plusieurs degrés sur l’échelle de la civilisation”.

fundamentais na compreensão dos sentidos que os indivíduos colocam em suas ações e nas oportunidades políticas que o boato pode vir a proporcionar, esse conceito é aqui entendido como o “quanto o poder, a repressão, a facilitação, a oportunidade e a ameaça oferecem para ação coletiva, ao afetar suas expectativas com relação ao sucesso e ao fracasso” (Tilly, 1978, p. 98-142 *apud* Oliveira, 2016, p. 3).

Um exemplo de ação coletiva desencadeada a partir dos boatos que pode ser citada é a difusão do *grande medo de 1789*, momento dramático e misterioso que marcou a historiografia sobre a revolução. O historiador francês Georges Lefebvre (1986) defende que esse fenômeno social é diferente das revoltas camponesas, pois havia o medo dos bandidos, da aristocracia e do armamento popular. Nesse contexto, os boatos de que os bandidos estariam chegando se multiplicavam no campo e nas cidades da França. Aliás, as situações enfrentadas pelos camponeses, como a fome, o medo combinado com o tumulto das primeiras revoltas, o início do armamento popular e os primeiros pânicos, anteciparam a deterioração do regime senhorial e asseguraram os feitos da revolução.

Para Lefebvre, a hipótese mais aceita foi a de um complô do terceiro estado, sendo esse um mecanismo pelo qual a aristocracia retomaria o controle da sociedade. Seus inspiradores eram a aristocracia ou os revolucionários, e o medo seria um esforço contrário à revolução, e a propagação de boatos, uma estratégia para enfraquecer o movimento popular ao assustar seus participantes. Embora o historiador certamente se aproxime mais da versão que nega a existência do complô, isso não o impede de fazer algumas reflexões.

Em sua análise sobre os mecanismos e processos de difusão do boato, o autor explica que o boato original ocasionou o medo e os cidadãos foram os responsáveis por espalhar os demais boatos. Assim, as pessoas se armaram para se defender dos agressores, pois, ao ouvirem de uns o boato de que os bandidos iriam atacar e ouvir de outros um boato diferente, pensavam que mais de um grupo de saqueadores estaria planejando atacar. A difusão das notícias nessa época era realizada por mensageiros em um jogo de relações,

em que o principal meio de propagação era oral, o que resultou na interpretação errônea das notícias.

Nessa perspectiva, os boatos são a chave para compreender os comportamentos coletivos diante de uma situação crítica da sociedade francesa, na qual um rumor ganha uma força que supera a capacidade de controle e previsão dos representantes do terceiro estado, pois os camponeses estavam convencidos da existência do complô. Sendo assim, o *grande medo* foi resultado de temores e tensões suscitadas a partir de rumores que, na maioria das vezes, eram falsos.

Em momentos como este, em que os rumores se espalham com mais facilidade e em maior escala, os meios de comunicação cotidianos são utilizados pela coletividade para expressar sentimentos reprimidos, compartilhar opiniões e compreender situações críticas. É por esse motivo que o contexto de guerra é fecundo para o estudo dos boatos, porém essa é uma das razões de ser considerado pela psicologia social como algo ruim, resultado de uma perturbação.

Os psicólogos norte-americanos Allport e Postman (1947) afirmam que a primeira manifestação perigosa do boato ocorreu logo após o choque inicial *Pearl Harbor*, tornando-se um problema nacional urgente. De acordo com essa visão, para o boato existir, ele precisa ser propagado e somente circular dentro de um grupo se for de relevância ou se houver ambiguidade no assunto. Nesse sentido, o incidente de *Pearl Harbor* ocasionou uma inundação de rumores, pois representava perigo em potencial para todos os cidadãos, além de ser ambíguo, porque não se sabiam as razões ou as consequências do ataque. Dessa forma, os rumores de que a frota havia sido eliminada, que *Washington* não divulgou a extensão do dano e que o Havaí estava nas mãos dos japoneses (Allport; Postman, 1947) chegaram a tal ponto que o presidente Roosevelt se pronunciou negando os rumores e reiterando o relatório oficial de perdas.

Essa inundação de boatos de 1942 gerou tamanha ansiedade que surgiram histórias exageradas sobre as perdas devido à importância e à ambiguidade da situação. Essa incerteza pode ser resultado do fracasso das

comunicações ou de uma carência de notícias oficiais, condição essa comum em países devastados pela guerra. Além dessa, outras possíveis causas eram: a circulação de notícias conflitantes e a desconfiança de muitas pessoas na transparência da administração e na operação da censura em tempos de guerra (Allport; Postman, 1947).

Outra questão suscitada pelos psicólogos é que, durante a guerra, além dos rumores de medo, havia também os rumores de hostilidade, sendo esses os mais numerosos, de natureza caluniosa contra esse grupo ou aquele. A exemplo disso, pode ser citado um rumor hostil de que os judeus estavam fugindo do recrutamento. Nesse caso, são utilizados bodes expiatórios como uma explicação conveniente das privações sofridas nos momentos críticos.

Sendo assim, o boato circula, pois serve a função dupla de explicar e aliviar as tensões emocionais dos indivíduos (Allport; Postman, 1947). Culpar alguém por meio dos boatos, portanto, não é apenas uma explicação para sofrimento emocional, mas é, ao mesmo tempo, uma forma de alívio. Nessa perspectiva, existe uma redução da tensão após uma *chicotada* de língua, visto que pouco importa se a vítima é culpada ou não, sendo o boato uma expressão coletiva de *transferência de agressividade*. Além disso, o rumor contém distorções e exageros que são resultados de processos da mente humana e podem causar dano à inteligência pública e à consciência coletiva.

Essa análise dos rumores feita em laboratório permitiu identificar que tanto os boatos propagados em sociedade quanto os de laboratório sofrem uma distorção em que três características são distinguíveis. A primeira é o nivelamento, pois o rumor, ao ser espalhado, fica mais curto e conciso, ou seja, suas versões sucessivas têm menos palavras e menos detalhes; a segunda característica presente é a afiação, isto é, o que permanece do rumor é aquilo que mais atrai atenção, um tipo de *slogan* com poucos detalhes de um contexto maior. Além dessas, há o processo de assimilação, responsável por eliminar alguns detalhes, ressaltar outros e criar até mesmo falsificações. Isso ocorre devido “à força atrativa exercida sobre o boato pelos hábitos, interesses, e sentimentos existentes na mente do ouvinte” (Allport;

Postman, 1947, p. 72, tradução nossa).⁶ A distorção assimilativa mais surpreendente é que, em grande parte dos experimentos, uma navalha se move (no relato) da mão de um homem branco para a mão de um negro (Allport; Postman, 1947). Dessa forma, o resultado é uma assimilação que responde a expectativa estereotipada do indivíduo. Também é possível a assimilação do preconceito, em que existem distorções de ódio e hostilidade racial. Essas três características funcionam em simultaneidade e refletem um processo que resulta na distorção ou mesmo falsificação do boato.

Em consonância com a vertente proveniente da sociologia clínica dos rumores, outro pesquisador que pode ser mencionado é Edgar Morin (1969), em seu estudo sobre o rumor de Orleans, no qual não rompe com o paradigma patológico. Para ele, a história do rumor descarrega uma *fantasia reprimida* do corpo social e esse também parece concordar com a ideia de uma transferência de agressividade no sentido de usar bodes expiatórios, em que “acusa os lojistas judeus de usar seus estandes para remover meninas e entregá-las ao comércio de escravos” (Morin, 1969 *apud* Aldrin, 2010, p. 6, tradução nossa).⁷ Dessa forma, o autor analisa o rumor em torno do problema de uma crença coletiva e desconsidera o lugar social de ocorrência do rumor.

O sociólogo Tamotsu Shibutani (1966) contesta essa versão de que o boato tem distorções, discorda da visão patológica e, ao mesmo tempo, questiona o método de análise fora do contexto social. Aliás, ele indaga como é possível explicar o boato tendo em vista que se pressupõe como algo ruim, uma distorção. Embora algumas reflexões da sociologia psicológica dos rumores tenham sua contribuição, o próprio Gordon Allport (1959) esclarece que a experiência em laboratório não é tão extrema quanto os rumores ao *ar livre*, mas pode demonstrar seus fenômenos básicos. Sendo assim, esse tipo de análise não consegue captar o caldo cultural, ou seja, as condições sociais que tornam o ambiente ideal para propagação de boatos. De acordo com

⁶ No original: “attractive force exerted upon rumor by the intellectual and emotional context existing in the listener's mind”.

⁷ No original: “accusant des boutiquiers de prêt-à-porter juifs d'utiliser leurs cabines d'essayage pour enlever des jeunes filles et les livrer à la traite des Blanches”.

a definição de Shibutani (1966), os rumores são notícias espontâneas geradas em uma discussão coletiva. Para ele, o boato pode ser visto como uma transação coletiva, e não como resultado de uma distorção.

Para Shibutani (1966 *apud* Aldrin, 2010, p. 8), o boato é algo que se forma na interação social:

Canal de informação informal e improvisado, que indivíduos ativam quando os canais oficiais e públicos não dão informação (ou informação satisfatória) que enfrenta uma situação ou evento que o exige (tradução nossa).⁸

Desse modo, as pessoas desprovidas de notícias oficiais passam a especular sobre o que está acontecendo, suas observações são interpretadas por meio do que é suposto e prevalece aquilo que é mais plausível, ou seja, na maioria das vezes, aquilo que afeta diretamente o grupo é o que permanece. Em situações de catástrofes ou no ardor de uma ação tumultuosa, como na difusão do *grande medo de 1789* e nos momentos de guerras, a capacidade crítica diminui e novos canais de comunicação surgem espontaneamente. É nesse momento que o conteúdo do boato aparece e o contexto de medo faz com que os homens acreditem em informações que, em outras circunstâncias, não acreditariam (Shibutani, 1966).

A difusão das falsas notícias

Para entender o boato a fundo, é necessário compreender que a falsa notícia não é o que aconteceu, mas sim relatos do que aconteceu:

Um tipo de narrativa transmitida por alguns tipos especiais de mídia [...], toda época foi uma época de informação, cada uma à sua própria maneira, e que os sistemas de comunicação sempre modelaram os eventos (Darnton, 2001, p. 10).

O processo de comunicação da sociedade envolve discussão e sociabilidade, ou seja, não é somente a rede de transmissão de mensagens, mas um processo mais complexo de “assimilar e retrabalhar a informação em grupo” (Darnton, 2001, p. 41). O portador da notícia tem certa satisfação ao

⁸ No original: “chaîne informelle et improvisée d’information » que les individus activent lorsque les canaux officiels et publics ne donnent pas d’information (ou d’information satisfaisante) face à une situation événementielle qui l’exige”.

repassar a novidade aos seus ouvintes, como aquele que *possui* a informação e, ao mesmo tempo, ao utilizar a frase *ouviu dizer*, isenta-se da responsabilidade sobre sua veracidade.

O historiador Marc Bloch, citado anteriormente, reconstrói essa rede e mostra como as mensagens viajavam pelo sistema de comunicação oral nas trincheiras e os locais de troca de informação. Aliás, ao estudar as notícias de guerras, questiona por que “não é feito qualquer esforço de análise dos meios onde nascem e se difundem os boatos” (Bloch, 1998, p. 183). Sendo assim, para o autor, “as condições especiais que a vida nas trincheiras impunha à propagação das informações de toda ordem não são descritas” (Bloch, 1998, p. 183). Nesse sentido, na visão de Bloch, falta na historiografia estudos mais detalhistas da gênese e das ramificações das falsas notícias de guerra. A esse respeito, o autor cita duas falsas notícias que envolveram determinados interesses.

A primeira é a lenda dos reforços russos, boato que se espalhou pela Grã-Bretanha e pela França em 1914. Nos relatos, “os russos as dezenas desembarcaram segundo uns nos portos escoceses, segundo outros em Marselha, vindos engrossar as fileiras dos aliados ocidentais” (Bloch, 1998, p. 185). Para Bloch, tratava-se de uma notícia de retaguarda, em que era preciso questionar onde iniciou o boato e se ele atravessou o país. Em sua análise, identifica-se que, provavelmente, o boato nasceu ao mesmo tempo na França e na Inglaterra. Além disso, os incidentes ocasionaram a propagação de falsos relatos, sendo perceptíveis semelhanças em seus traços essenciais, como “ver indivíduos trajados com uniformes pouco habituais, e a língua desconhecida falada por soldados estrangeiros” (Bloch, 1998, p. 185-186). Dessa forma, impressões corretas eram mal interpretadas e deformadas com o intuito de “condizer com os ardentes desejos de todos e deve ter sido essa a origem da falsa notícia” (Bloch, 1998, p. 186).

A segunda falsa notícia é a lenda dos franco-atiradores escrita em 1917. De acordo o autor, com o início dos combates, espalhou-se entre as tropas atacantes e a retaguarda boatos de crueldades, dos espões que massacravam feridos e dos incendiários. Os soldados alemães foram retirados

de seu convívio familiar e social e enfrentaram condições desfavoráveis nas trincheiras. Esse fator, aliado ao ambiente, cresceu alimentado com relatos das façanhas violentas dos franco-atiradores na guerra de 1870, sendo que os rumores foram espalhados a tal ponto que lhe conferiram certa autenticidade.

Esses fatores contribuíram para que a lenda surgisse, resultado de uma percepção mal interpretada. A exemplo disso, o soldado alemão, ao ver buracos nas fachadas das casas na Bélgica (típicos em suas construções e que serviam para fixar andaimes) — particularidade arquitetônica que era desconhecida pelos alemães —, entendeu as perfurações como seteiras e que os belgas estavam preparados para uma guerra de guerrilha e de emboscada. Sendo assim, as tropas reagiram de imediato contra as casas traidoras e seus habitantes. Bloch afirma que a Alemanha estava convencida da veracidade do boato acerca da existência das atrocidades, pois é “fácil acreditar naquilo em que se precisa acreditar” (Bloch, 1998, p. 189).

Referente aos meios de difusão das falsas notícias, indaga-se como se deu no interior do país. De início, por meio das cartas dos combatentes e dos relatos dos feridos, e num segundo momento, foram divulgadas pelos relatos dos jornalistas e das enfermeiras. Porém, muitos soldados inconscientemente acabavam deformando os relatos que ouviam, a fim de “os pôr de acordo com uma opinião geralmente aceita que deleitava a imaginação romântica das multidões” (Bloch, 1998, p. 191).

Desse modo, Bloch entende que a falsa notícia surge por representações coletivas que antecedem ao seu nascimento e que “só na aparência é fortuita, ou, mais precisamente, tudo o que em si tem de fortuito é o incidente inicial” (Bloch, 1998, p. 191). Além disso, a censura também teve um papel importante, pois havia a desconfiança da imprensa formal e prevalecia nas trincheiras a troca de notícias informais, sendo que as falsas notícias só nascem em ambientes em que convivem diferentes grupos que troquem informações. Nas trincheiras, as novas notícias chegavam com os alimentos, uma vez que os fornecedores de vários locais conversavam entre si ou com os cozinheiros. Estes tinham o privilégio de se comunicar com os

condutores dos comboios do regimento. Para Bloch (1998), somente por meio dessas relações frequentes é possível comparar os diferentes relatos e observar que as lendas atravessam os diversos grupos sociais, mas a cada passagem assume novas cores.

As argumentações e análises teóricas dos referidos boatos do *grande medo de 1789*, os rumores de *Pearl Harbor*, a lenda dos reforços russos e a lenda dos franco-atiradores permitem, portanto, ter uma noção sobre esse fenômeno. Contudo, nem todos os conceitos expostos devem ser aceitos, pois o boato poderia ser reduzido a um tipo de patologia, uma distorção ou algo ruim. Além do mais, o boato quase sempre é visto como falso, que tem a capacidade destruir a moral do povo. Além disso, a pessoa que espalha boatos é considerada perigosa, pois descarrega suas frustrações em vítimas inocentes. Todas essas considerações sobre o perigo dos boatos feitas em laboratório não conseguem captar o ambiente propício à propagação dos rumores, ou seja, o caldo cultural favorável, sendo esse o medo do mal sem rosto e que age nas sombras. Em razão disso, a abordagem interacionista é a que mais se aproxima do boato na história, permitindo encontrar a gênese e suas ramificações, além de compreender como ocorre a troca de informações, os meios de transmissão e o processo de recepção da informação.

Fake News

As *fake news* são notícias falsas publicadas pelos meios de comunicação contendo informações inventadas ou manipuladas. Essas informações falsas são geralmente divulgadas como verdadeiras. Sendo assim, os fatos são retirados do contexto original e o conteúdo é exagerado para atrair a atenção das pessoas. Além disso, são disseminadas em massa com o objetivo de conseguir benefícios ou mesmo de prejudicar terceiros.

Essas notícias falsas se espalham rapidamente pelos meios de comunicação e conseguem atingir milhares de leitores e espectadores em questão de minutos. Elas têm um poder de persuasão, principalmente nas pessoas com menor grau de instrução e que têm acesso às informações pelas

redes sociais, mas também podem atingir pessoas com maior escolaridade, pois grande parte de seu conteúdo tem intenção política. Nesse sentido, as notícias falsas contribuem para a desinformação e representam um perigo para a sociedade e para a democracia.

O uso do termo *fake news* é recente e não existe um consenso sobre sua origem. Ele passou a ter destaque em 2016, durante a eleição presidencial dos EUA. Na época, várias notícias falsas sobre Hillary Clinton foram disseminadas e compartilhadas pelos eleitores de Donald Trump. Apesar disso, as notícias falsas já existiam nos séculos passados, antes mesmo da existência do jornalismo e da internet. Dessa maneira, no passado, alguns escritores já espalhavam notícias falsas sobre adversários por meio de livros e de panfletos. Aliás, mentiras e boatos também eram transmitidos de forma verbal de uma pessoa para outra.

Segundo Alves e Maciel (2020), a desinformação foi amplamente utilizada como ferramenta política, sobretudo em contextos de guerra. Esse é caso, por exemplo, da disseminação de notícias falsas pela máquina de propaganda nazista. De acordo com Nicholas O'Shaughnessy (2017), o terceiro Reich controlava a agenda da informação por meio das transmissões de rádio em Zeesen e alcançava o mundo inteiro com seus canais de rádio. As notícias falsas e as mentiras eram ferramentas utilizadas pelo Reich para atingir os EUA. Os nazistas acreditavam que a opinião pública podia ser fabricada e que a propaganda faria com que as pessoas acreditassem em tudo que o regime quisesse. Ademais, na Alemanha nazista, a desinformação era parte de uma metodologia de controle e poder.

Dessa maneira, em regimes totalitários, existe um esforço político para reescrever os fatos, "dando forma a uma mentira organizada e generalizada que, ainda que seja incapaz de substituir a verdade e produzir uma nova, tem a força de destruir a verdade factual, talvez de maneira irrecuperável" (Alves; Maciel, 2020, p. 149).

As *fake news* geralmente são criadas a partir de fatos reais que são tirados do contexto, além de envolver o acréscimo de mentiras absurdas à história. Além disso, podem apresentar imagens e vídeos falsos ou mesmo

manipulados. Muitos políticos fazem uso dessas estratégias para prejudicar inimigos. Nesse sentido, a disseminação de imagens falsas se intensificou durante as eleições de 2018, nas quais as pessoas trocaram os números de candidatos em suas campanhas partidárias, induzindo, assim, o eleitor ao erro.

Essas notícias são espalhadas por perfis falsos nas redes sociais, que fingem ser pessoas reais e interagem com outros usuários, para depois espalhar notícias e vídeos de sites falsos. Aliás, é comum que esses perfis misturem informações falsas com notícias reais para aparentar veracidade. Boa parte desse conteúdo falso é gerada artificialmente por softwares e se espalha rapidamente na internet.

Existe um mercado especializado em *fake news*, isto é, equipes que trabalham com a disseminação desse tipo de conteúdo viral. O compartilhamento dessas notícias falsas traz riscos para a sociedade como um todo, contribuindo para a histeria coletiva relacionada a questões de saúde pública, segurança, educação, entre outros. Além do mais, a desinformação incentiva o preconceito e a violência, e pode até mesmo resultar em mortes.

A exemplo disso, na pandemia, diversas notícias falsas foram espalhadas nas redes sociais, como é o caso das notícias sobre as vacinas. Algumas pessoas contrárias a seu uso disseminaram informações falsas, afirmando que a vacina fazia mal à saúde, com o objetivo de causar pânico, para que assim as pessoas não tomassem a vacina. Esse é um problema grave, pois a resistência à vacinação coloca toda a população em risco. Em consequência da desconfiança sobre a vacinação, houve crescimento dos casos de sarampo no Brasil no ano de 2018. Em virtude disso, o Ministério da Saúde teve que fazer uma campanha com propagandas informativas combatendo as *fake news* e promovendo a vacinação nos veículos de comunicação e nas redes sociais.

As *fake news* também incentivam o discurso de ódio e a xenofobia nas redes sociais, gerando violência, como mentiras inventadas de que imigrantes venezuelanos assaltaram e agrediram brasileiros em Pacaraima, cidade de

Roraima, o que causou a revolta dos moradores da cidade, que passaram a atacar acampamentos de imigrantes venezuelanos.

As notícias falsas podem ter consequências terríveis, como casos de linchamento de inocentes. A exemplo disso, no ano de 2014, no município de Guarujá, no litoral do estado de São Paulo, os moradores do bairro Morrinhos IV espancaram uma mulher até a morte por causa de uma notícia falsa divulgada no Facebook, na qual ela foi confundida com uma suposta sequestradora de crianças. No entanto, tudo foi confirmado falso, pois não havia nenhuma denúncia de sequestro de crianças na cidade.

Em virtude dos fatos mencionados, faz-se necessário combater a disseminação de notícias falsas. Contudo, essa é uma tarefa difícil, pois o mecanismo de produção e divulgação das *fake news* permite esconder a identidade dos criminosos. Por causa disso, é necessário que as pessoas aprendam a identificar notícias falsas e deixem de compartilhar conteúdo duvidoso. Atualmente, algumas agências de jornalismo especializado buscam identificar sites de conteúdo nacional que veiculam *fake news*, entre elas: a “Agência Lupa”, o site “Boatos.org” e a agência “Aos Fatos”. Desse modo, auxiliam os leitores a discernir notícias verdadeiras de notícias falsas.

Considerações finais

Após as reflexões teóricas, é possível chegar à conclusão de que, atualmente, o boato é um elemento fundamental para a compreensão das representações coletivas de grupos que compartilham opiniões e das várias relações sociais, principalmente após o advento da internet. Isso se dá porque o ambiente da web trouxe mais liberdade de opiniões com ênfase nas redes sociais, dando origem a comunidades que compartilham opiniões em comum e que, por isso, excluíram o debate e as discussões sobre ideias e opiniões opostas. Embora essa liberdade seja utilizada para difundir calúnias e fatos falsos, é preciso levar em conta que os boatos, rumores e notícias falsas sempre existiram, sendo o boato uma forma de interação social que pode ser utilizada com certas intenções por grupos que compartilham informações. Ele não é inócuo, podendo ser encontrados usos sociais e políticos dos boatos,

em que é possível identificar uma representação do funcionamento de determinada sociedade, sendo um meio de expressão não só de opiniões, mas também de protestos e reivindicações. É por essa razão que tanto em épocas passadas quanto atualmente as autoridades se preocupam com a disseminação dos boatos.

Referências Bibliográficas

ALDRIN, Philippe. L'impensé social des rumeurs politiques. *Sur l'approche dominocentrique du phénomène et son dépassement*, Paris, v. 92, p. 23-40, 2010. Disponível em: <https://journals.openedition.org/mots/19606>. Acesso em: 7 maio 2018.

ALLPORT, Gordon; POSTMAN, Leo. *The Psychology of Rumor*. New York: Henry Holt and Company, 1947. 247 p.

ALLPORT, Gordon. The historical background of social psychology. *Handbook of Social Psychology: Theory and method*, Massachusetts e England, v. 1, p. 1-46, 1959.

ALVES, Marco; MACIEL, Emanuella. O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto. *Internet & Sociedade*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 144-171, jan. 2020. Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/o-fenomeno-das-fake-news-definicao-combate-e-contexto/>. Acesso em: 27 ago 2023.

BLOCH, Marc. Reflexões de um historiador sobre as falsas notícias da guerra. In: BLOCH, Marc. *História e historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998. p. 177-198.

DARNTON, Robert. Uma precoce sociedade da informação: As notícias e a mídia em Paris no século XVIII. *Varia História*, Belo Horizonte, v.17, n. 25, p. 9-51, 2001. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/57ab5edebe6594bec76df536/1470848832157/Darnton%2CRobert.pdf>. Acesso em: 10 maio 2018.

LE BON, Gustave. *La psychologie des foules*. Paris: PUF, 2013. 132 p.

LEFEBVRE, Georges. *El gran pánico de 1789*. Barcelona: Paidós, 1986. 311 p.

MORIN, Edgar. *La rumeur d'Orléans*. Paris: Seuil, 1969. 256 p.

OLIVEIRA, Julio. Boatos, crises e oportunidades políticas na antiguidade tardia. *Dossiê: A antiguidade tardia e suas diversidades*, São Paulo, v. 35, n. 89, p. 1-15, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/his/a/MNtmCHKyCXqgYGds369MRrr/?lang=pt>. Acesso em: 7 maio 2018.

O'SHAUGHNESSY, Nicholas. *Marketing the Third Reich: Persuasion, Packaging and Propaganda*. Londres: Routledge, 2017. 304 p.

SHIBUTANI, Tamotsu. *Improvised News: A Sociological Study of Rumor*. Indianapolis: Bobbs-Merril, 1966. 262 p.